

**COMENTÁRIOS
AO LIVRO
“*CIDADE NO
ALÉM*”**

um anônimo

INTRODUÇÃO

A título de introdução, mencionamos duas afirmações de Jesus: *“Na Casa de Meu Pai há muitas moradas.”* e *“Meu Reino não é deste mundo.”*

Comentaremos alguns pontos da preciosa obra, assinada pelo Irmão Lucius, psicografada por Heigorina Cunha.

CIDADE NO ALÉM

ÍNDICE

- . A luta continua*
- . Anotações em torno de “nosso lar”*
- . I a cidade “nosso lar”*
- . II plano piloto*
- . III detalhes da cidade extraídos das obras de André Luiz*
- . IV localização de “nosso lar”*
- . Esferas espirituais*
- . Ilustrações*
- . Edifício da governadoria*
- . Pavilhão de restringimento*
- . Templo de iniciação*
- . Primeiro desenho incompleto da Colônia*
- . Parques de educação do esclarecimento*
- . Localização da Colônia Nosso Lar na esferas espirituais*
- . Ordem das esferas espirituais*

A LUTA CONTINUA

Irmão Jacob

Enquanto no corpo, não formulamos a ideia exata do que seja a realidade além da morte.

Importante afirmação do Irmão Jacob, pois, mesmo os médiuns, que, de alguma forma, antecipam muito do que vão vivenciar no mundo espiritual, percebem essa realidade apenas parcialmente, pois o simples fato de estarem encapsulados em um corpo físico limita-lhes a percepção do mundo espiritual talvez em cerca de noventa por cento, a não ser no caso de médiuns como um Chico Xavier, que, como disse José Herculano Pires, era “*interexistente*”, ou seja, vivia, ao mesmo tempo, as duas realidades: a material e a espiritual.

Trata-se de uma constatação muito importante para os não-médiuns, os quais, mesmo assim, devem procurar informar-se sobre como é a realidade espiritual, para não acontecer como o viajante que se propõe a ir a outro país sem sequer saber falar o idioma estrangeiro.

Os livros da série “*Nosso Lar*” são os que melhor informam a respeito da vida no mundo espiritual, mas há outros, de notável valor como “*Memórias de um Suicida*” e os ditados por Manoel Philomeno de Miranda.

Ainda mesmo quando o Espiritismo nos ajuda a pensar seriamente no assunto, debalde tentaremos calcular relativamente ao futuro, depois do sepulcro.

Não é apenas o Espiritismo que fornece dados sobre o mundo espiritual, porque há outras correntes religiosas ou filosóficas que abordam a questão da vida no mundo espiritual, sendo que, por isso, é de muita valia conhecer essas outras correntes, dentre as quais se pode relacionar a Antroposofia, a Teosofia, o Xamanismo, o Santo Daime, a Umbanda, as obras de Pietro Ubaldi e até algumas católicas ou protestantes, sem falar no Hinduísmo e no Budismo.

Allan Kardec nunca pretendeu limitar sua própria abertura mental ao que mencionou nas obras do Pentateuco e outras que assinou, mas, ao contrário, falou sempre na progressividade da Revelação Divina.

Há, infelizmente, no Movimento Espírita, como em todos os demais, pessoas inclinadas ao conservadorismo, como há as arrojadas, mas o que percebemos é que autores como Léon Denis, André Luiz, Emmanuel, Manoel Philomeno de Miranda, Joanna de Ângelis e outros foram além de Kardec, considerando que lhes competia informar os encarnados sobre aquilo que o Codificador naturalmente não teve condições de abordar, pois lhe competia apenas elaborar a base do Grande Edifício, cujo número de pavimentos vai sendo aumentado, todavia, sem excluir outras “*construções*” filosóficas ou religiosas, pois umas completam as outras.

Os espíritas não devem ler apenas obras espíritas e os não-espíritas deixar de ler as obras espíritas, para não sermos limitados, ortodoxos, conservadores e, principalmente, elitistas e intransigentes.

Chico Xavier, aliás, alertava muito para a questão do perigo da elitização na Doutrina Espírita, mal esse que já tinha infelicitado, séculos atrás, o Catolicismo e, depois, o Protestantismo. Aliás, Jesus, no Comando do Planeta, envia

Seus emissários seguidamente, a fim de que não se cristalizem as facetas da Verdade e, inclusive, ninguém possa se fazer acreditar, por muito tempo, como *“dono da Verdade”*.

O Movimento Espírita corre esse risco e, por isso, foram abertas outras alternativas, como o surgimento do Santo Daimé e o desenvolvimento do Xamanismo e da Umbanda, sem contar o número crescente de pessoas que vão à procura do Hinduísmo e do Budismo etc.

No mundo espiritual cada um retrata seu estado mental, e, somente isso, não havendo diferenciações por classes sociais, nível intelectual e outros fatores terrenos: o poder mental no Bem que cada um revela é sua *“carteira de identidade”*.

Os quadros sublimes ou terríveis no plano externo correspondem, de alguma sorte, à nossa expectativa; contudo, os fenômenos morais, dentro de nós, são sempre fortes e inesperados.

O poder mental no Bem é que diferencia uns seres humanos dos outros, sendo que o local para onde o Espírito vai, no mundo espiritual, não importa, de vez que a felicidade ou infelicidade, ou seja, a luz ou a falta de luz interior, está dentro de cada um.

É preciso nos desligarmos da antiga e ancestral noção de Céu e Inferno, locais determinados geograficamente e estabelecidos para bons e maus, pois *“cada ser humano está apenas dentro de si mesmo”*.

Chico Xavier falou: *“Quando desencarnar quero ir para o umbral, onde, se me for permitido, quero fundar um Centro Espírita.”*

Muitos querem viver em *“Nosso Lar”*, a fim de usufruir de conforto, sem considerar que os missionários do Bem trabalham, e muito, principalmente junto aos sofrimentos mais agudos e pouco tempo dedicam ao lazer.

Não é sem razão que Jesus falou: *“Eu trabalho e Meu Pai também trabalha.”*

Aliás, André Luiz disse que a maioria dos homens e mulheres, ao desencarnar, vão para o umbral, na certa que

por uma questão de sintonia com o nível mental que ali vigora, voltado para os bens e interesses materiais.

A que “*fenômenos morais*” Irmão Jacob estaria se referindo na sua fala? – Na certa que representam a constatação dos defeitos morais, resumíveis, segundo pensamos, no orgulho, egoísmo e vaidade, sendo que, por isso, deve-se trabalhar, enquanto encarnado, pela sua superação, dentro do possível, para que os abalos não sejam tão “*fortes e inesperados.*”

No final das contas, tudo é aprendido e não há como alguém alcançar a angelitude de uma hora para outra, mas é importante cada um empenhar bastante esforço para a auto melhora, mas sempre com a humildade de saber que somos seres em evolução gradativa.

Antes da passagem, tudo me parecia infinitamente simples!

Talvez o nosso irmão considerasse muito mais relevantes as realizações da caridade material e outras formas de caridade, porém, sem investir, como poderia, na auto reforma moral a que se referiu Allan Kardec: era uma grande realizador no mundo externo, mas relativamente pouco tinha empregado no desenvolvimento do poder mental no Bem.

No mundo terreno, a maioria das pessoas pensa, sente e age em função muito mais das coisas e interesses materiais e até muitos idealistas se restringem às realizações terrenas, mas não se dedicam aos exercícios de mentalização e oração, que aprimoram os poderes psíquicos: única ferramenta do Espírito no mundo extra corporal.

Irmão Jacob talvez tenha encontrado dificuldades em lidar com o poder mental, estando despreparado, como alguém que pretendesse integrar uma equipe esportiva sem o necessário condicionamento físico.

Não basta praticar a caridade externa, sem auto aperfeiçoamento mental.

A frase “*Fora da caridade não há salvação*” tem levado muitos espíritas a concentrarem a atenção apenas nisso, sendo que há outras correntes religiosas valorizam mais o aperfeiçoamento mental: por isso dissemos que umas

completam as outras e devemos aprender o que cada uma delas ensina de melhor, selecionando as informações, para sermos universalistas e não dogmáticos.

Não passaria a morte de mera libertação do Espírito e mais nada. Seguiria nossa alma para esferas de julgamento, de onde voltaria a reencarnar, caso não se transferisse aos Mundos Felizes.

No seu inconsciente, Irmão Jacob era um “*católico reencarnacionista*” ou um “*judeu reencarnacionista*”, com a ideia de Céu e Inferno enraizada, na dicotomia Mundos Felizes-Terra.

É preciso pensarmos em até que ponto estamos repetindo o que nossos antepassados incutiram na nossa mente e que vamos remastigando sem nenhuma reflexão: costumamos ser repetidores das gerações passadas.

A mentalidade acomodatória faz muitos se manterem infensos à necessidade de mudanças internas, contentando-se com as vaidades sociais, o prestígio dentro do seu círculo de relacionamento e outras realidades estagnantes.

Até o Movimento Espírita, repetimos, está correndo o risco de repetir a mentalidade acomodatória do Catolicismo e do Protestantismo, sendo, por isso, importante abrir a mente para as correntes que vão surgindo, como alternativas para a oxigenação do meio religioso onde vivemos.

Alguém nos taxará de heréticos, mas, por exemplo, Divaldo Franco tem falado muito em noções do Hinduísmo e Budismo, sem contar nas informações da Ciência materialista, no que cada uma dessas correntes tem de melhor. A divulgação do nome de Sathya Sai Baba no Brasil se deveu muito a Divaldo, depois de sua visita ao mestre recentemente desencarnado.

Chico Xavier disse muitas verdades que não foram divulgadas, a fim de não chocar os conservadores, mas que mostram a necessidade de valorização das outras correntes religiosas ou filosóficas.

Sejamos universalistas, pois Jesus não é espírita, nem católico etc. e nem fundou o Cristianismo, mas é o

Governador da Terra, autorizando todas as formas de crença em Deus e até de descrença.

Não repetamos nossos erros de vidas passadas, quando, nas Cruzadas, guerreamos mouros; envergando batinas, matamos protestantes; como membros da Inquisição, queimamos nas fogueiras os que pensavam diferente de nós etc.

Que no meio espírita não se consagre o elitismo, pois, infelizmente, estamos caminhando para isso.

Compreendo hoje que aceitar esta fórmula seria o mesmo que menoscar a existência humana, declarando-se que o homem apenas renascerá na Terra, respirará entre as criaturas e, em seguida, se libertará do corpo de baixa condensação fluídica. Quantos conflitos, porém, entre o aparecimento e a desagregação do veículo carnal? Quantas lições; entre a infância e o declínio das forças físicas?

As surpresas de cada um, ao chegar no mundo espiritual, talvez serão diferentes das do Irmão Jacob, pois cada um tem seus pontos fracos, mas, tratando-se de um mundo de provas e expiações, poucos são os Espíritos Superiores, enquanto que a maioria é de almas rebeldes, carentes ainda de muitas reencarnações, a fim de se espiritualizarem, ou seja, colocarem toda sua força no pensamento, ao invés de estarem à cata de prestígio, riqueza, prazeres materiais e outros valores e coisas “*que a ferrugem corrói*”.

Reconheço, presentemente, que as dificuldades não são menores para a alma liberta dos mais pesados impedimentos do plano material. Entre o ato de perder a carcaça de ossos e a iniciativa de reencarnação ou de elevação, temos o tempo, e o conteúdo desse tempo reside em nós mesmos. Quantos óbices a vencer, quantos enigmas a solucionar?

O tempo é uma ficção, pois o que vale é o “*aqui e agora*”, em que cada um retrata seu estado interior de equilíbrio ou desequilíbrio psíquico.

O que fazer de si mesmo: eis a questão? Com o que despender suas próprias energias? Se alguém se concentra nos interesses e bens terrenos, como conseguirá viver bem no mundo espiritual, onde ninguém é “*proprietário*” de nada, a não ser seus próprios pensamentos e sentimentos? Estará confuso, sem saber o que fazer de si mesmo.

Veja-se a importância do desenvolvimento do poder mental.

André Luiz, por exemplo, tendo sido médico enquanto encarnado, não pôde trabalhar nessa área enquanto não aprendeu a utilizar o pensamento.

Acreditei que o fim das limitações corporais trouxesse inalterável paz no coração, mas não foi bem assim.

À paz que ele pretendia somente fazem jus os que já vivenciam o Amor Universal, muito acima do seu nível, assim constatado por seu perispírito não irradiar nenhuma luminosidade.

O interior é que conta, enquanto que nenhuma exterioridade tem valor no mundo extracorpóreo.

Como ter a paz? Como sentir a serenidade? Apenas por ter feito doações de bens materiais? Pensar assim é pretender reduzir a perfectibilidade humana a um tantinho de evolução. Então Deus estaria condenando Seus filhos e filhas à mediocridade espiritual, quando, na verdade, Ele quer que sejamos melhores do que Jesus: “*Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda.*”

Deus quer que cada um dos Seus filhos e filhas conviva com Ele no mais completo entrosamento, para isso cada um se transformando em pura luz, estrela de décima grandeza, sol espiritual etc.

No fundo, em nossas organizações religiosas, somos uma espécie de combatentes prontos a batalhar à distância de nossa moradia e, quando nos julgamos de posse da vitória final, tornamos ao círculo doméstico para enfrentar, individualmente, a mesma guerra, dentro de casa. Vestimos a roupa de carne, a fim de lutar e aprender e, se muitas vezes sorvemos o desencanto da derrota, em muitas ocasiões nos sentimos triunfadores. Somos, então,

filhos da turba distraída, companheiros de mil companheiros, cooperadores de mil cooperadores.

Tudo isso é reflexo da religiosidade exterior: não tinha se conscientizado o suficiente da necessidade da mudança interna: “*Sede perfeitos, como vosso Pai, que está nos Céus, é Perfeito.*”

Combater exteriormente, realizar no mundo externo, mas permanecer com os mesmos defeitos morais, e, sobretudo, com o poder mental oscilante, bruxuleante, como um pirilampo, é isso que temos repetido nos séculos passados.

Chegou, no entanto, o momento em que a morte nos reconduz à intimidade do lar interior. E se não houve de nossa parte a preocupação de construir, aí dentro, um santuário para as determinações divinas, quantos dias gastamos na limpeza, no reajustamento e na iluminação?

Grande vitória alcançou Irmão Jacob ao despertar para sua própria realidade interna: o “*lar interior*”.

Isso é sinônimo do poder mental: qual seu potencial do pensamento, ombreando diariamente com Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio e outros? Perispírito opaco, como se encarnado ainda fosse.

Estava faltando a chama interior, a qual, um dia, despertou e nunca mais se apagou.

Quem está encarnado deve atinar para esse ponto, pois, em caso contrário, terá surpresas mais dramáticas, como as de André Luiz.

*Oh! Meus amigos do Espiritismo, que amamos tanto!
É para você – membros da grande família que tanto desejei servir – que grafiei estas páginas, sem a presunção de convencer! Não se acreditem quitados com a Lei, por haverem atendido a pequeninos deveres de solidariedade humana, nem se suponham habilitados ao paraíso, por receberem a manifesta proteção de um amigo espiritual! Ajudem a si mesmos, no desempenho das obrigações evangélicas! Espiritismo não é somente a graça recebida, é também a necessidade de nos espiritualizarmos para as esferas superiores.*

“Necessidade de nos espiritualizarmos”: eis a expressão-chave. Sem isso não adiantam palestras assistidas ou proferidas, livros lidos ou escritos, passes tomados ou dados etc. etc.

O alerta de Jacob paira no ar até hoje, convidando à auto análise, mas poucos dão valor a esse alerta: preferem a religiosidade exterior, dos séculos passados.

O igrejismo ainda caracteriza a maioria dos religiosos: para esses só resta aguardar a passagem para o mundo espiritual.

Jacob não os estará esperando, pois está ocupado em trabalhos de auto aperfeiçoamento e em favor dos semelhantes, presumivelmente no umbral.

Quem receberá esses desencarnantes serão sua genitora, uma avó, um parente ou, possivelmente, ninguém, se não houver merecimento.

Falo-lhes hoje com experiência mais dilatada.

Depois de muitos anos, nas lides da Doutrina, estou recompondo a aprendizagem, a fim de não ser o companheiro inadequado ou o servo inútil. Guardem a certeza de que o Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo não é apenas um conjunto brilhante de ensinamentos sublimes para ser comentado em nossas doutrinações – é Código da Sabedoria Celestial, cujos dispositivos não podemos confundir.

Quantas teorizações em cima dos Evangelhos, sendo que Jesus, na verdade, encarregou as mulheres de implantá-los nos corações, sem alarde, sem palestras, sem livros, mas no dia a dia das renúncias e não aos palavrosos oradores, escritores e debatedores masculinos.

Vejamos a Lição do Divino Mestre:

“E será ainda à mulher que buscaremos confiar a missão mais sublime na construção evangélica dentro dos corações, no supremo esforço de iluminar o mundo.”

Todavia, o fato de Jesus tê-las incumbido desse mandato não significa que todas elas se dediquem ao seu cumprimento e é o que tem acontecido com muitas, distraídas com os interesses materiais.

Agradeço, sensibilizado, a colaboração de Emmanuel e de André Luiz, nos registros humildes de meu refazimento espiritual, nestas páginas que endereço aos irmãos de ideal e serviço.

E pedindo a Jesus nos fortaleça a todos, no trabalho a que fomos conduzidos, de modo a entendermos além de nós, as bênçãos que nos felicitam, rogo também ajuda para mim mesmo, a fim de que a Luz Divina me esclareça e auxílio, dentro do novo caminho de trabalho e elevação, porque, se a experiência carnal amadurece e passa, a vida prossegue e a luta continua.

Irmão Jacob

Pedro Leopoldo, 19 de fevereiro de 1948.

*(da obra “Voltei” – Espírito: Irmão Jacob – médium:
Francisco Cândido Xavier)*

“A luta interior”, naturalmente, é o trabalho de mentalização e oração, pois esse alcança maiores e melhores resultados no Bem do que muitas palavras.

É preciso entendermos que somos Espíritos e que a força do Espírito é o pensamento.

ANOTAÇÕES EM TORNO DE “NOSSO LAR”

1 – O irmão Lucius fez, quanto pôde, a fim de trazer, aos amigos domiciliados no Plano Físico, alguns aspectos de Nosso Lar, a colônia de trabalho e reeducação a que nos vinculamos na Espiritualidade, especialmente o plano piloto que lhe diz respeito.

Para isso, encontrou a dedicação da médium Heigorina Cunha, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, no Brasil.

2 – Terá conseguido transmitir, minuciosamente, toda a imagem do vasto contexto residencial a que nos referimos?

Decerto que não, mas estamos à frente de uma realização válida pelas formas e ideias básicas que o mencionado amigo alinhou, cuidadosamente, através do intercâmbio espiritual.

3 – Justo lembrar aqui os mapas que Cristóvão Colombo desenhou, por influência de Mentores e Amigos Espirituais, antes de desvelar a figura da América.

Semelhantes esboços não continham a realidade total, no entanto, demonstram, até hoje, que o valoroso navegador apresentava a configuração do Novo Continente, em linhas essenciais.

4 – Convém esclarecer que Nosso Lar é uma colônia-cidade, habitada por homens e mulheres, jovens e adultos, que já se desvencilharam do corpo físico.

Outras colônias-cidades espirituais, porém, existem, às centenas, em torno da Terra, obedecendo às leis que lhe regem os movimentos de rotação e translação.

Há “às centenas” colônias em torno da Terra, sendo que há um número relevante das do porte de cidades.

Realmente, sabendo-se que “*Nosso Lar*” foi fundada há cerca de cinco séculos, em cima do céu do Rio de Janeiro, não serão tantas as colônias-cidades desse porte no céu do Brasil.

Colônias menores do Bem existirão, logicamente, “*aos milhares*”, pois a tendência natural dos seres humanos é de se agruparem.

Quanto às colônias e cidades do Mal igualmente existem, e são muitas.

“*Nosso Lar*” está localizada no umbral (melhor, fluidicamente falando, do que o umbral grosso e o umbral médio).

Há muita gente que gostaria de habitar em “*Nosso Lar*”, mas o importante é estar aperfeiçoando o próprio interior e trabalhando no Bem em qualquer ponto da Terra ou do Universo.

Devemos nos desvincular da ideia ancestral de Céu e Inferno como sendo localidades, pois Jesus disse: “*O Reino de Deus está dentro de vós*”.

5 – Em toda parte, depois do berço, o homem, no centro da Natureza, é defrontado pelos princípios de sequência. Depois da morte também.

A desencarnação não opera milagres: cada um continua sendo o que é interiormente.

Emmanuel propôs um teste que podemos fazer para sabermos quem somos espiritualmente: basta verificarmos como pensamos quando estamos sozinhos.

6 – Atendendo aos ditames da reencarnação e da desencarnação, nascem na experiência física e libertaram-se dela milhares de criaturas humanas, no estado mental em que se comprazem.

7 – Quantos abordam o mundo material, através do renascimento, evidenciam-se na condição em que se achavam, no Plano Espiritual, e, conseqüentemente, quantos regressaram ao Plano Espiritual, procedentes do mundo, lá se revelam tal qual se encontram, seja em matéria de evolução, ou seja, ante a contabilidade de lei de causa e efeito.

8 – Ninguém é constrangido a pensar dessa ou daquela forma, por força dos princípios universais que nos governam.

Cada consciência, encarnada ou desencarnada, é livre, em pensamento, para escolher o caminho que lhe aprouver, ainda que esteja, transitoriamente, nos resultados infelizes de opções que haja feito, no passado, resultados nos quais a criatura pode amenizar ou agravar a própria situação, na pauta de conduta que adote.

9 – Compreensível que os seres humanos transfiram para a Vida Espiritual, quando lhes ocorra a desencarnação, os ideais nobilitantes e as paixões deprimentes, os desgostos e as alegrias, a convicção e a descrença, os valores do entendimento e os desmandos da inteligência, o conhecimento deficitário e ânsia de elevação de que se vejam possuídos.

10 – Renascendo na Terra, a personalidade espiritual permanece internada no veículo físico, cercada de testes que lhe aferem o valor alcançado, com alicerces na assimilação do que já tenha realizado de melhor, em si mesma; e, desencarnando, esse mesma personalidade patenteia, claramente, o que é, como está e em que degrau evolutivo se acomoda, irradiando de si própria o clima espiritual em que se lhe apraz viver e conviver.

11 – No berço terrestre, a pessoa se reassume na família ou grupo social em que deva reaprender lições e conclusões do pretérito, com o resgate de débitos que haja contraído, ou em que possa prosseguir nas tarefas de amor e cooperação às quais livremente se empenha.

12 – Na desencarnação, essa mesma pessoa retoma a companhia do grupo espiritual com que se afina, de modo a continuar mentalmente estanque, como deseja, ou de maneira a colher os resultados felizes no esforço de auto sublimação que haja desenvolvido no plano físico, seja pelo aperfeiçoamento realizado em si mesma ou seja pelas tarefas enobrecedoras que tenha iniciado, entre os homens, entrando naturalmente no grupo de elevação a que se promoveu.

13 – Todo espírito é livre, no pensamento, para melhorar-se, melhorando o campo de vivência em que esteja, ou para complicar-se, complicando o campo de experiências a que se vincule.

14 – Nas colônias-cidade ou colônias-parques que gravitam em torno do Plano Físico, para domicílio transitório das inteligências desencarnadas, é natural que a luta do bem para extinguir o mal ou o desequilíbrio da mente, continue com as características que lhe conhecemos na Crosta da Terra.

15 – A morte não opera milagres. O ser humano, além dela, prossegue no trabalho do autoburilamento ou estacionário, enquanto não aceite a obrigação de renovar-se e evoluir.

16 – As religiões, a filosofia e a ciência continuam, por necessidade das criaturas desencarnadas, crendo, estudando e experimentando na sustentação do progresso e do aprimoramento humano, oferecendo vastos domínios de serviço nobilitante aos seus intérpretes, cultivadores e expoentes.

17 – Considerando a densidade das multidões de espíritos desencarnados, desvalidos de orientações, vítimas de paixões acalentadas por eles próprios, analfabetos da alma, desvairados pelos sentimentos possessivos,

portadores de enfermidades e conflitos que eles mesmos atraem e alimentam, espíritos imaturos e desinformados, de todas as procedências, é necessário que o lar de afinidades, o templo da fé, a escola e a pregação, a prece e o reconforto, o diálogo e a instrução, o hospital e a assistência, o socorro e os tratamentos de segregação, funcionem, nas comunidades do Mais Além, com extremada compreensão de quantos lhes esposam as tarefas salvadoras.

19 – Justo que a didática, no Mais Além, utilize a lição, o exame, a exposição prática, os cursos vários de introdução ao conhecimento superior, a disciplina, o apólogo, a fábula, os exemplos da História e todos os recursos outros, das artes e da literatura, que sirvam de auxílio aos companheiros necessitados de conhecimento e motivação para o bem deles próprios.

20 – Nos planos imediatos à experiência física, os felizes estão sempre dispostos ao trabalho em favor dos infelizes, os mais fortes a benefício dos mais fracos, os bons em socorro dos desequilibrados e os mais sábios em apoio dos desorientados e ignorantes.

21 – Nas comunidades de criaturas desencarnadas, a afinidade é o clima ideal para a união dos seres, o interesse pela ascensão dos espíritos aos planos superiores é a marca de todos aqueles que já despertaram para o respeito a Deus e para o amor ao próximo, o trabalho do bem é incessante, a religião não tem dogmatismo, a filosofia acata, a ciência é humanitária e o esforço pelo próprio aperfeiçoamento íntimo é impulso infatigável em todas as criaturas de boa vontade.

Destaquemos esta expressão: “o esforço pelo próprio aperfeiçoamento íntimo é impulso infatigável em todas as criaturas de boa vontade.”

Sem aperfeiçoamento íntimo não há evolução espiritual: esse é o ponto fraco da maioria dos encarnados, os quais, em passando para o mundo espiritual, se descobrem sem luz interior, confusos,

carentes de nova reencarnação, pois a vida no mundo espiritual se lhes torna muito difícil.

22 – Além da morte, a vida continua e, com mais clareza, aí se vê a realidade da teologia simples que rege a evolução, em tudo o que a evolução possua em comum com a Natureza: “A cada um segundo as suas próprias obras”.

André Luiz

Uberaba, 17 de junho de 1983.

(Anotações recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, Minas Gerais).

Ressaltemos estas palavras: *“a realidade da teologia simples que rege a evolução, em tudo o que a evolução possua em comum com a Natureza:...”*

Fala em Teologia baseada na simplicidade das Leis de Deus, que visam a evolução de todos os seres.

Teóricos cheios de pontos de vista pessoais ali não têm lugar, pois a humildade leva à compreensão de que Deus já previu tudo de melhor, competindo a cada um reconhecer sua posição de aprendiz.

Quem pensa com humildade a intuição surge na sua mente, mostrando-lhe sempre uma inesperada faceta da Verdade.

I

A CIDADE “NOSSO LAR”

Na vasta bibliografia mediúnica do médium Francisco Cândido Xavier, a cidade espiritual conhecida como “Nosso Lar” foi a primeira sociedade urbana da Vida Maior retratada com detalhes. Foi no livro do mesmo nome, editado pela Federação Espírita Brasileira, que o Espírito de André Luiz, relatando suas experiências, forneceu descrições pormenorizadas acerca da organização da sociedade comunitária e das edificações que lhe servem de apoio material.

Conta o abnegado médium que se surpreendeu pelo inusitado das revelações e que André Luiz, a fim de que ele desse livre curso aos seus relatos, certa noite, levou-o,

em desprendimento espiritual, até a cidade “Nosso Lar” para que se inteirasse da sua existência e conhecesse, pessoalmente, alguns recantos retratados no livro.

Realmente, o citado livro abria campos amplos e novos à indagação daqueles estudiosos que sentissem dificuldades para entender como a vida poderia prosseguir, normalmente e sem saltos, após o desenlace físico.

Difícil imaginar, ante a diversidade aparente das condições de encarnado e desencarnado, que o Espírito pudesse habitar cidades edificadas e organizadas de modo semelhante às expressões terrestres.

Os Espíritos disseram a Allan Kardec (1), que, no mundo espiritual, viviam em “espécies de acampamentos, de campos para se repousar de uma muito longa erraticidade, estado sempre um pouco penoso”.

Não se podia, é verdade, dar largas à imaginação para especular acerca do que seriam realmente, essas espécies de acampamentos, por falta de referências mais claras que induzissem à idealização de comunidades de Espíritos habitando cidades estruturadas em edificações de natureza sólida, sobre terreno fértil à vegetação, e em tudo com estreita semelhança ao que conhecemos na Crosta.

Mas, a partir das informações veiculadas por André Luiz, passado o espanto natural que as revelações causaram, reconheceu-se que não poderia ocorrer de forma diferente.

Habitados, durante muitos séculos, à idealização do Céu e do Inferno, em termos sem correspondência com as expressões contidas nas obras da Codificação, nos recusávamos a aceitar o óbvio. Se o Espírito sobrevivia ao corpo, e provas dessa sobrevivência foram abundantes a partir do surgimento da Doutrina Espírita, e se, por outro lado, os Espíritos nos asseguravam que nos reuniríamos em famílias e em agrupamentos, e que a vida continuava sem grandes mudanças depois da morte física, por que haveria de ser tão discrepante em relação aos moldes da vida terrena?

Pelas recordações da vida espiritual, organizamos a vida terrena, e André Luiz nos mostra que esta é uma cópia imperfeita daquela.

A partir da edição do livro, a cidade “Nosso Lar” ganhou o coração e a imaginação de todos os espíritas, que identificaram nela um modelo alentador das organizações e situações que aguardam o ser humano, após a desencarnação, e – por que não dizer? – um estímulo ao aproveitamento da existência física para conviver, depois, em comunidades idênticas ou melhores.

Se a revelação trazida por André Luiz esperou oitenta e seis anos, após a edição de O Livro dos Espíritos, agora, quase quarenta anos depois do surgimento do livro Nosso Lar, o Alto nos permite mais algumas informações, ensejando-nos receber, através do trabalho mediúnico de nossa irmã Heigorina Cunha, de Sacramento, o plano piloto da cidade espiritual que é o objetivo deste livro.

A cidade “Nosso Lar”, segundo informações veiculadas por André Luiz, foi fundada por portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI, a partir de onde se localiza, atualmente, a Governadoria.

Conta que, naquele trato de terra, onde se veem edifícios de fino labor e onde se congregam vibrações delicadas e nobres, os fundadores encontraram “as notas primitivas dos silvícolas do país e as construções infantis de suas mentes rudimentares”, devendo, à custa de “serviço perseverante, solidariedade fraterna e amor espiritual”, conquistá-los e integrá-los para conseguirem seus objetivos.

À época em que se pronunciou o Amigo Espiritual, a cidade contava com cerca de um milhão de habitantes.

Tendo em vista que a cidade se divide segundo as necessidades de sua organização administrativa, permitindo-nos informar, aos que ainda não leram o livro “Nosso Lar”, que a Governadoria, órgão central, está assessorada pelo trabalho e organização de seus Ministérios, a saber: Ministério da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da

Elevação e da União Divina, que atuam nas áreas que os próprios nomes definem, sendo cada Ministério, dirigido por doze ministros.

Esclarecidos esses detalhes, passemos a considerar o plano piloto da cidade.

(1) – Questão n. 234, O Livro dos Espíritos, Ed. EDE).

II

PLANO PILOTO

Mencione-se, desde logo, que existem dois desenhos: o primeiro que abrange apenas a estrela, onde se localiza a Governadoria e os conjuntos habitacionais, inscritos dentro dela, destinados aos trabalhadores de cada Ministério; o segundo já engloba, mais além, os conjuntos residenciais que, conquanto ainda afetos aos trabalhadores do Ministério, podem ser adquiridos por estes, através de “bônus-horas” e são suscetíveis de transmissão hereditária.

Primeiro, temos que dar uma explicação: a expressão “*aquisição*”, aqui empregada, não deve ser interpretada como direito de “*propriedade*” nos termos da legislação terrena, mas apenas direito de “*uso*”, como veremos logo adiante. Apresentamos, a partir dessa compreensão, duas questões, que os prezados leitores podem tomar como temas para reflexão: 1) Alguém pode adquirir o direito de “*uso*” de mais de um imóvel, tal como acontece entre os encarnados? 2) Acham justo alguém adquirir, por herança, o direito de “*uso*” de um imóvel que não fez por merecer através do trabalho?

No livro “*A Grande Síntese*”, ditado por Jesus através do médium Pietro Ubaldi, Ele diz: “*A hereditariedade da riqueza é uma fábrica de ineptos.*”

Espíritos Superiores, na certa, não habitam “*Nosso Lar*”, a não ser como forma de melhor exemplificarem as virtudes da humildade, desapego e simplicidade, como são os casos do Governador e dos Ministros.

Também nele se vê a grande muralha protetora da cidade.

Evidentemente, tal muralha se destina à defesa fluídica da cidade, para evitarem-se ataques dos Espíritos dedicados ao Mal, pois “*Nosso Lar*” está localizada no umbral.

A cidade tem a forma de uma estrela de seis pontas, localizando-se a Governadoria no centro do círculo em que está inscrita a estrela.

Da Governadoria partem as coordenadas que dividem a cidade em seis partes distintas, afetas, cada uma, ao mesmo número de organizações, especializadas, em que se desdobra a administração pública, representada, como já se disse, pelos Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina.

Assim, a cidade está dividida em seis módulos, cada um deles partindo da Governadoria, junto à qual se eleva a torre de cada Ministério, configurando-se como o centro administrativo.

À frente deles, está a grande praça que os circunda e que, para que se avalie o seu tamanho, está apta para receber, comodamente, um milhão de pessoas. A médium descreve-a como belíssima, com piso semelhante ao alabastro, com muitos bancos ao seu redor, sendo que, nos espaços em que se vê o encontro dos vértices das bases dos triângulos, por detrás dos bancos, existem fontes luminosas multicoloridas e, em torno delas, flores graciosas e delicadas.

Procuremos analisar um aspecto interessante: em uma cidade com uma população de um milhão de habitantes a praça (maravilhosa, por sinal) comporta, comodamente, todos os habitantes: quanta qualidade de vida!

Cada habitante, nessa cidade, é valorizado, considerado como significativo, valioso, respeitável.

Além da praça temos os núcleos residenciais, em forma de triângulo e que, como já se disse, se destinam aos trabalhadores de cada Ministério, sendo que os mais graduados residem mais próximos à praça e, portanto, ao centro administrativo. Essas casas pertencem à comunidade e se um trabalhador se transfere para outro

Ministério, deve mudar-se também para residir junto ao seu local de trabalho. Os quadros que se veem desenhados dentro do triângulo, e junto à muralha, são quadras onde se erguem as residências.

Aqui fica esclarecida a questão jurídica quanto às casas: pertencem à comunidade (vigora, portanto, o “*socialismo do Cristo*” e não o “*capitalismo do mundo terreno*”), sendo que os “*servidores públicos*” (pois todos os habitantes são servidores públicos) adquirem, pelo trabalho ou por herança, o direito de “*uso*”, apenas de uma casa, pois ninguém, honestamente falando, necessita “*usar*” mais de uma casa para morar.

Devemos nos acostumar à ideia de “*socialismo do Cristo*” com todos os seus desdobramentos. Os apegados aos bens e interesses materiais já podem ir pensando na auto reforma quanto a esse ponto.

*Nos espaços que medeiam entre um núcleo habitacional e outro, seja em direção à muralha seja em direção ao núcleo correspondente ao Ministério vizinho, existem grandes parques arborizados onde se erguem outras construções que não foram detalhadas na planta, destinadas ao lazer ou serviços aos habitantes. Vê-se, por exemplo, no parque do Ministério da Regeneração, a locação do seu Parque Hospitalar; no Ministério da União Divina, o Bosque das Águas e, no Ministério da Elevação, o Campo da Música, todos referidos no livro *Nosso Lar*.*

Veja-se que, além da grande praça, há na cidade “*grandes parques arborizados*”. Tudo isso são indicações para os encarnados quanto à integração na Natureza e outros valores ainda não muito levados em conta pela maioria dos encarnados.

Cada núcleo residencial é cortado, no centro, por ampla avenida arborizada que o liga à praça principal e à Governadoria, e que se inicia junto à muralha.

Verifique-se o detalhe: “*ampla avenida arborizada*”, outro aspecto importante para os encarnados levarem em conta no planejamento das suas cidades: não bastam gramados, mas são necessárias árvores.

Entre os núcleos em forma de triângulo e a muralha, estão os núcleos residenciais destinados aos Espíritos que, por seus méritos, podem adquirir suas casas mediante pagamento em bônus-horas, que é a unidade monetária padrão, correspondente à uma hora de trabalho prestado à comunidade. Estas casas, pertencendo aos que as adquirem podem se objeto de herança. Na planta aparecem umas poucas quadras, mas, na verdade, são muitas quadras, a perderem-se de vista e que se alongam até a muralha.

Circundando toda a cidade, está grande muralha protetora, onde se acham assestadas as baterias de projeção magnética, para defesa contra as arremetidas dos Espíritos inferiores, o que não deve estranhar, porque, como sabemos, a cidade está situada numa esfera espiritual de transição, abrigando Espíritos que ainda devem reencarnar.

A planta da cidade, no entanto, carece de medidas que nos propiciem uma exata compreensão do seu tamanho.

Mas, poderemos imaginar sua magnitude pelas referências que André Luiz nos faz.

É uma cidade amplamente disposta, para um milhão de habitantes.

O “aeróbus”, correndo numa velocidade que não permite fixar os detalhes da paisagem, e com paradas de três em três quilômetros, demora quarenta minutos para ir da Praça da Governadoria até o Bosque das Águas, que está localizado na planta.

Em síntese, é o que nos mostra o plano piloto da cidade, configurado na planta que nos veio ao conhecimento por intermédio de nossa irmã Heigorina Cunha.

III

DETALHES DA CIDADE EXTRAÍDOS DAS OBRAS DE ANDRÉ LUIZ

O livro “Nosso Lar”, principalmente, é rico em detalhes acerca da cidade, de seus logradouros e de suas edificações.

Passamos a reproduzi-las, na ordem em que se apresentam, citando ao final, o número da página do livro “Nosso Lar”:

“Embora transportado à maneira de ferido comum, lobriguei o quadro confortante que se desdobrava à minha vista”.

“Clarêncio, que se apoiava num cajado de substância luminosa, deteve-se à frente de grande porta encravada em altos muros, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas. Tateando um ponto da muralha, vê-se longa abertura, através da qual penetramos, silenciosos”.

“Branda claridade inundava ali todas as coisas. Ao longe, gracioso foco de luz dava a ideia de um pôr-do-sol em tardes primaveris. À medida que avançávamos, conseguia identificar preciosas construções, situadas em extensos jardins”.

“Ao sinal de Clarêncio, os condutores depuseram, devagarzinho, a maca improvisada. A meus olhos surgiu, então, a porta acolhedora de alvo edifício, à feição de grande hospital terreno. Dois jovens, envergando túnicas de níveo linho, acorreram pressurosos ao chamado de meu benfeitor, e quando me acomodavam num leito de emergência, para me conduzirem cuidadosamente ao interior, ouvi o generoso ancião recomendar, carinhoso”:

“– Guardem nosso tutelado no pavilhão da direita. Esperam agora por mim. Amanhã cedo voltarei a vê-lo”.

“Enderecei-lhe um olhar de gratidão, ao mesmo tempo em que era conduzido a confortável aposento de amplas proporções, ricamente mobiliado, onde me ofereceram leito acolhedor”. (págs. 26/27).

“Aquela melodia renovava-me as energias profundas. Levantei-me vencendo dificuldades e agarrei-me ao braço fraternal que se me estendia. Seguindo vacilante, cheguei ao enorme salão, onde numerosa assembleia meditava em silêncio, profundamente recolhida. Da abóbada cheia de claridade brilhante, pendiam delicadas e flóreas guirlandas, que vinham do teto à base, formando radiosos símbolos de espiritualidade superior. Ninguém parecia

dar conta da minha presença, ao passo que mal dissimulava eu a surpresa inexcelsível. Todos os circunstantes, atentos, pareciam aguardar alguma coisa. Contendo a custo numerosas indagações que me esfervilhavam na mente, notei que, ao fundo, em tela gigantesca, desenhava-se prodigioso quadro de luz quase feérica. Obedecendo a processos adiantados de televisão, surgiu o cenário de templo maravilhoso. Sentado em lugar de destaque, um ancião coroado de luz fixava o Alto, em atitude de prece, envergando alva túnica de irradiações resplandecentes. Em plano inferior, setenta e duas figuras pareciam acompanhá-lo em respeitoso silêncio. Altamente surpreendido, reparei Clarêncio participando da assembleia, entre os que cercavam o velhinho refulgente”.

“Apertei o braço do enfermeiro amigo e, compreendendo ele que minhas perguntas não se fariam esperar, esclareceu em voz baixa, que mais se assemelhava a leve sopro”: “– Conserve-se tranquilo. Todas as residências e instituições de “Nosso Lar” estão orando com o Governador, através da audição e visão à distância. Louvemos o Coração Invisível do Céu”. (págs. 28/29).

“Deleitava-me, agora, contemplando os horizontes vastos, debruçado às janelas espaçosas.

Impressionavam-me, sobretudo, os aspectos da Natureza. Quase tudo, melhorada cópia da Terra. Cores mais harmônicas, substâncias mais delicadas. Forrava-se o solo de vegetação.

Grandes árvores, pomares fartos e jardins deliciosos. Desenhavam-se montes coroados de luz, em continuidade à planície onde a colônia repousava. Todos os departamentos apareciam cultivados com esmero. À pequena distância, alteavam-se graciosos edifícios. Alinhavam-se, a espaços regulares, exibindo formas diversas. Nenhum sem flores à entrada, destacando-se algumas casinhas encantadoras, cercadas por muros de hera, onde rosas diferentes desabrochavam, aqui e ali, adornando o verde de cambiantes variados. Aves de

plumagens policromas cruzavam os ares e, de quando em quando, pousavam agrupadas nas torres muito alvas, a se erguerem retilíneas, lembrando lírios gigantes, rumo ao céu”.

Verifica-se a presença constante de vegetais e animais, ou seja, a integração com a Natureza, coisa que as cidades terrenas, normalmente, não fornecem, devido à fúria de muitos empreendedores em lucrar e devido igualmente à falta de conhecimento dos encarnados em geral de que tudo que Deus criou tem vida e que a interação energética é vital para o equilíbrio físico e espiritual.

Cada um deve observar se sua própria forma de viver se adequa a esse modelo e, em caso contrário, iniciar um novo estilo de vida, saudável.

“Das janelas largas, observava, curioso, o movimento do parque. Extremamente surpreendido, identificava animais domésticos, entre as árvores frondosas, enfileiradas ao fundo”. (págs. 45/46).

Mais referências a animais e vegetais.

“Decorridas algumas semanas de tratamento ativo, saí, pela primeira vez, em companhia de Lísias”.

“Impressionou-me o espetáculo das ruas. Vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas.

Nova referência a *“vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas.”*

Ar puro, atmosfera de profunda tranquilidade espiritual. Não havia, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, porque as vias públicas estavam repletas. Entidades numerosas iam e vinham. Algumas pareciam situar a mente em lugares distantes, mas outras me dirigiam olhares acolhedores. Incumbia-se o companheiro de orientar-me em face das surpresas que surgiam ininterruptas. Percebendo-me as íntimas conjeturas, esclareceu solícito”: “– Estamos no local do Ministério do Auxílio. Tudo o que vemos, edifícios, casas residências, representa instituições e abrigos adequados à tarefa de nossa jurisdição.

Orientadores, operários e outros serviçais da missão, residem aqui. Nesta zona, atende-se a doentes, ouvem-se rogativas, selecionam-se preces, preparam-se reencarnações terrenas, organizam-se turmas de socorro aos habitantes do umbral, ou aos que choram na Terra, estudam-se soluções para todos os processos que se prendem ao sofrimento”. (págs. 50/51).

Veja-se o socorro, em variadas formas, visando, sobretudo, a evolução das criaturas humanas, sendo certo que ninguém é retirado das zonas purgatoriais sem apresentar um quadro mental indicativo de desejo de auto reforma moral.

Também é preciso entendermos que o melhor socorro é o que desperta a “consciência cósmica” de cada um.

“A essa altura, atingíramos uma praça de maravilhosos contornos, ostentando extensos jardins. No centro da praça, erguia-se um palácio de magnificente beleza, encabeçado de torres soberanas, que se perdiam no céu”.

“– Temos, nesta praça, o ponto de convergência dos seis ministérios a que me referi. Todos começam da Governadoria, estendendo-se em forma triangular”.

E, respeitoso, comentou: “– Aí vive o nosso abnegado orientador. Nos trabalhos administrativos, utiliza a colaboração de três mil funcionários; entretanto, é ele o trabalhador mais infatigável e mais fiel que todos nós reunidos”.(...)

“Calara-se Lísias, evidenciando comovida reverência, enquanto eu a seu lado contemplava, respeitoso e embevecido, as torres maravilhosas que pareciam cindir o firmamento...” (págs. 52/53).

“Enlevado na visão dos jardins prodigiosos, pedi ao dedicado enfermeiro para descansar alguns minutos num banco próximo. Lísias anuiu de bom grado”.

“Agradável sensação de paz me felicitava o espírito. Caprichosos repuxos de água colorida ziguezagueavam no ar, formando figuras encantadoras”. (pág. 54).

“Dado o meu interesse crescente pelos processos de alimentação. Lísias convidou”: “– Vamos ao grande reservatório da colônia. Lá observará coisas

interessantes. Verá que a água é quase tudo em nossa estância de transição”.

Fixemos a frase: “*Verá que a água é quase tudo em nossa estância de transição*”. Enquanto isso poluem-se os rios, cursos d’água, oceanos, lagos terrenos. Veja-se o contrassenso!

A importância da água não foi descrita, com detalhes, por André Luiz, certamente para não escandalizar os ortodoxos. Mas, imagine-se o funcionamento da chamada “*sala de banho*” a que ele se referiu, como dependência das casas.

Imagine-se os tratamentos à base de água, quando, no meio espírita, utiliza-se tratamentos com água fluidificada!

Curiosíssimo, acompanhei o enfermeiro sem vacilar.

Chegados a extensos ângulos da praça, o generoso amigo acrescentou: – Esperemos o aeróbus. (carro aéreo, que seria na Terra um grande funicular).

“Mal me refazia da surpresa, quando surgiu grande carro, suspenso do solo a uma altura de cinco metros mais ou menos e repleto de passageiros. Ao descer até nós, à maneira de um elevador terrestre, examinei-o com atenção. Não era máquina conhecida na Terra. Constituída de material muito flexível, tinha enorme comprimento, parecendo ligada a fios invisíveis, em virtude do grande número de antenas na tolda. Mais tarde, confirmei minhas suposições, visitando as grandes oficinas do Serviço de Trânsito e Transporte”.

“Lísias não me deu tempo a indagações. Aboletados convenientemente no recinto confortável, seguimos silenciosos. Experimentava a timidez natural do homem desambientado, entre desconhecidos”.

“A velocidade era tanta que não permitia fixar os detalhes das construções escalonadas no extenso percurso. A distância não era pequena, porque só depois de quarenta minutos, incluindo ligeiras paradas de três em três quilômetros, me convidou Lísias a descer, sorridente e calmo”.

“Deslumbrou-me o panorama de belezas sublimes. O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento

fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulinas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranquila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso”.

“Notando o meu deslumbramento, Lísias explicou”: “– Estamos no Bosque das Águas. Temos aqui umas das mais belas regiões de “Nosso Lar”. Trata-se de um dos locais prediletos para as excursões dos amantes, que aqui vêm tecer as mais lindas promessas de amor e fidelidade, para as experiências da Terra”.

Observe-se a expressão: *“lindas promessas de amor e fidelidade”*. O Amor conjugal sem fidelidade reflete pouca evolução espiritual de quem ainda não consegue reunir Amor e sexualidade em uma única pessoa.

Trata-se de um objetivo a ser alcançado, o que passa a representar, quando conseguido, um sinal de progresso no sentido do Amor Universal, o qual é um desdobramento do Amor vivido entre as quatro paredes de um lar.

Quem não conseguiu essa meta ainda não sabe respeitar o *“deus”* que é e, igualmente, os *“deuses”* que os outros são, por isso não sabendo ainda o que é o Amor Universal, que implica em respeito a si próprio e aos outros.

“A observação ensejava considerações muito interessantes, mas Lísias não me deu azo a perguntas nesse particular. Indicando um edifício de enormes proporções, esclareceu”: “– Ali é o grande reservatório da colônia. Todo o volume do Rio Azul, que temos à vista, é absorvido em caixas imensas de distribuição. As águas que servem a todas as atividades da colônia partem daqui. Em seguida, reúnem-se novamente, abaixo dos serviços da Regeneração, e voltam a constituir o rio, que

prossegue o curso normal, rumo ao grande oceano de substâncias invisíveis para a Terra”. (págs., 50, 60 e 61).

“Passados minutos, eis-nos à porta de graciosa construção, cercada de colorido jardim”. (pág.96).

*

“– O nosso lar, dentro de “Nosso Lar”. Ao tinido brando da campainha no interior, surgiu à porta simpática matrona”. (pág.96).

“Entramos. Ambiente simples e acolhedor. Móveis quase idênticos aos terrestres; objetos em geral, demonstrando pequeninas variantes. Quadros de sublime significação espiritual, um piano de notáveis proporções, descansando sobre ele grande harpa talhada em linhas nobres e delicadas. Identificando-me a curiosidade, Lísias falou, prazenteiro:..”. (pág. 97).

“Em seguida, chamou-me Lísias para ver algumas dependências da casa, demorando-me na sala de banho, cujas instalações interessantes me maravilharam. Tudo simples, mas confortável”. (pág.98).

André Luiz, em outro lugar, esclarece que o banho representa uma faxina espiritual, isso, é claro, se a sintonia espiritual estiver focada no Bem.

Nesses momentos também são transmitidas inspirações nobres e realizados maravilhosos contatos espirituais.

“– Como se encara o problema da propriedade na colônia? Esta casa, por exemplo, pertence-lhe?”.

Ela sorriu e esclareceu: “- Tudo como se dá na Terra, a propriedade aqui é relativa. Nossas aquisições são feitas à base de horas de trabalho. O bônus-hora, no fundo, é o nosso dinheiro. Quaisquer utilidades são adquiridas com esses cupons, obtidos por nós mesmos, à custa de esforço e dedicação. As construções em geral representam patrimônio comum, sob controle da Governadoria; cada família espiritual, porém, pode conquistar um lar (nunca mais que um), apresentando trinta mil bônus-horas, o que se pode conseguir com algum tempo de serviço. Nossa morada foi conquistada pelo trabalho perseverante de meu esposo, que veio para a esfera espiritual muito

antes de mim. Dezoito anos estivemos separados pelos laços físicos, mas sempre unidos pelos elos espirituais. Ricardo, porém, não descansou. Recolhido ao “Nosso Lar”, depois de certo período de extremas perturbações, compreendeu imediatamente a necessidade do esforço ativo, preparando-nos um ninho para o futuro. Quando cheguei, estreamos a habitação que ele organizara com esmero, acentuando-se nossa ventura. (...) “. (págs. 115/116)”.

“– E o problema da herança? – inquiri de repente”.

“– Não temos aqui demasiadas complicações – respondeu a senhora Laura, sorrindo. – Vejamos, por exemplo, o meu caso. Aproxima-se o tempo do meu regresso aos planos da crosta. Tenho comigo três mil bônus-hora-auxílio, no meu quadro de economia pessoal. Não posso legá-lo à minha filha que está a chegar, por que esses valores serão revertidos ao patrimônio comum, permanecendo minha família, apenas, com o direito de herança ao lar; no entanto, minha ficha de serviço autoriza-me a interceder por ela e preparar-lhe aqui trabalho e concurso amigo, assegurando-me, igualmente, o valioso auxílio das organizações de nossa colônia espiritual, durante minha permanência nos círculos carnis. Nesse cômputo, deixo de referir-me ao lucro maravilhoso que adquiri no capítulo da experiência, nos anos de cooperação no Ministério do Auxílio. Volto à Terra, investida de valores mais altos e demonstrando qualidades mais nobres de preparação ao êxito desejado”. E, enquanto os jovens se despediam, convidava-me, solícito: – Venha ao jardim, pois ainda não viu o luar destes sítios.

“A dona da casa entrava em conversação, com as filhas, enquanto acompanhando Lísias fui aos canteiros em flor”.

“O espetáculo apresentava-se soberbo! Habitado à reclusão hospitalar, entre grandes árvores, ainda não conhecia o quadro maravilhoso que a noite clara apresentava, ali, nos vastos quarteirões do Ministério do

Auxílio. Glicínias de prodigiosa beleza enfeitavam a paisagem.

Lírios de neve, matizados de ligeiro azul ao fundo do cálice, pareciam taças, de caricioso aroma. Respirei a longos haustos, sentindo que ondas de energia nova me penetravam o ser.

Ao longe, as torres da Governadoria mostravam belos efeitos de luz. Deslumbrado, não conseguia emitir impressões. Esforçando-me para exteriorizar a admiração que me invadia a alma, falei comovidamente: (...)” (págs. 126/127).

Segui Tobias resolutamente.

“Atravessamos largos quarteirões, onde numerosos edifícios me pareceram colmeias de serviço intenso. Percebendo-me a silenciosa indagação, o novo amigo esclareceu”: “– Temos aqui as grandes fábricas de “Nosso Lar”. A preparação de sucos, de tecidos e artefatos em geral, dá trabalho a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo”.

“Daí a momentos, penetramos num edifício de aspecto nobre. Servidores numerosos iam e vinham. Depois de extensos corredores, deparou-se-nos vastíssima escadaria, comunicando com os pavimentos inferiores”.

- Desçamos – disse Tobias com tom grave.

E notando minha estranheza, explicou, solícito: “– As Câmaras de Retificação estão localizadas nas vizinhanças do umbral. Os necessitados que aí se reúnem não toleram as luzes, nem a atmosfera de cima, nos primeiros tempos de moradia em “Nosso Lar””. (pág. 145)”.

“Nunca poderia imaginar o quadro que se desenhava agora aos meus olhos. Não era bem o hospital de sangue, nem o instituto de tratamento normal de saúde orgânica. Era uma série de câmaras vastas, ligadas entre si e repletas de verdadeiros despojos humanos”. (pág. 146).

*

“Logo após, às vinte e uma horas, chegou alguém dos fundos do enorme parque. Era um homenzinho de

semblante singular, evidenciando a condição de trabalhador humilde. Narcisa recebeu-o com gentileza, perguntando: “- O que há, Justino? Qual é a sua mensagem?”.

“O operário, que integrava o corpo de sentinelas das Câmaras de Retificação, respondeu, aflito”: “– Venho participar que uma infeliz mulher está pedindo socorro, no grande portão que dá para os campos de cultura. Creio tenha passado despercebida aos vigilantes das primeiras linhas...”.

“Curioso, segui a enfermeira, através do campo enluarado. A distância não era pequena.

Lado a lado, via-se o arvoredado tranquilo do parque muito extenso, agitado pelo vento caricioso. Havíamos percorrido mais de um quilômetro, quando atingimos a grande cancela a que se referira o trabalhador”. (págs. 168/169).

*

“Agora, que penetrara o parque banhado de luz, experimentava singular fascinação”.

“Aquelas árvores acolhedoras, aquelas viventes sementeiras reclamavam-me a todo o momento. De maneira indireta, provocava explicações de Narcisa, enunciando perguntas veladas”.

“– No grande parque – dizia ela – não há somente caminhos para o umbral ou apenas cultura de vegetação destinada aos sucos alimentícios. A Ministra Veneranda criou planos excelentes para os nossos processos educativos”.

E observando-me a curiosidade sadia, continuou esclarecendo: “– Trata-se dos “salões verdes” para serviço de educação. Entre as grandes fileiras das árvores, há recintos de maravilhosos contornos para as conferências dos Ministros da Regeneração; outros para Ministros visitantes e estudiosos em geral, reservando-se, porém, um de assinalada beleza, para as conversações do Governador, quando ele se digna de vir até nós.

Periodicamente, as árvores eretas se cobrem de flores, dando ideia de pequenas torres coloridas, cheias de encantos naturais. Temos, assim, no firmamento, o teto acolhedor, com as bênçãos do Sol ou das estrelas distantes”.

Devem ser prodigiosos esses palácios da natureza – acrescentei.

“– Sem dúvida – prosseguiu a enfermeira, entusiasmadamente – o projeto da Ministra despertou, segundo me informaram, aplausos francos em toda a colônia. Soube que tal se dera, havia precisamente quarenta anos. Iniciou-se, então, a campanha do” Salão Natural “. Todos os Ministérios pediram cooperação, inclusive o da União Divina, que solicitou o concurso de Veneranda na organização de recintos dessa ordem, no Bosque das Águas. Surgiram deliciosos recantos em toda a parte. Os mais interessantes, todavia, a meu ver, são os que se instituíram nas escolas. Variam nas formas e dimensões. Nos parques de educação do Esclarecimento, instalou a Ministra um verdadeiro castelo de vegetação, em forma de estrela, dentro do qual se abrigam cinco numerosas classes de aprendizados e cinco instrutores diferente. No centro, funciona enorme aparelho destinado a demonstrações pela imagem, à maneira do cinematógrafo terrestre, com o qual é possível levar a efeito cinco projeções variadas, simultaneamente. Essa iniciativa melhorou consideravelmente a cidade, unindo no mesmo esforço o serviço proveitoso à utilidade prática e à beleza espiritual.”

“Valendo-me da pausa natural, interpelei: “– E o mobiliário dos salões? Tal como dos grandes recintos terrenos?”

Narcisa sorriu e acentuou: “– Há diferença. A ministra ideou os quadros evangélicos do tempo que assinalou a passagem do Cristo pelo mundo, e sugeriu recursos da própria natureza. Cada” salão natural “tem bancos e poltronas esculpturados na substância do solo, forrados de relva olente e macia.

Isso imprime formosura e disposições características. Disse a organizadora que seria justo lembrar as prelações do Mestre, em plena praia, quando de suas divinas excursões junto ao Tiberíades, e dessa recordação surgiu o empreendimento do “mobiliário natural”. A conservação exige cuidados permanentes, mas a beleza dos quadros representa vasta compensação”.

A essa altura, interrompeu-se a bondosa enfermeira, mas, identificando-me o interesse silencioso, prosseguiu: “– O mais belo recinto do nosso Ministério é o destinado às palestras do Governador. A Ministra Veneranda descobriu que ele sempre estimou as paisagens de gosto helênico, mas antigo, e decorou o salão a traços especiais, formados em pequenos canais de água fresca, pontes graciosas, lagos minúsculos, palanquins de arvoredos e frondejante vegetação. Cada mês do ano mostra cores diferentes, em razão das flores que se vão modificando em espécie, de trinta a trinta dias. A Ministra reserva o mais lindo aspecto para o mês de Dezembro, em comemoração ao Natal de Jesus, quando a cidade recebe os mais formosos pensamentos e as mais vigorosas promessas dos nossos companheiros encarnados na Terra e envia, por sua vez, ardentes afirmações de esperança e serviço às esferas superiores, em homenagem ao Mestre dos Mestres. Esse salão é nota de júbilo para os nossos Ministérios. Talvez já saiba que o Governador aqui vem, quase que semanalmente, aos domingos. Ali permanece longas horas, conferenciando com os Ministros da Regeneração, conversando com os trabalhadores, oferecendo sugestões valiosas, examinando nossas vizinhanças com o umbral, recebendo nossos votos e visitas, e confortando enfermos convalescentes. À noitinha, quando pode demorar-se, ouve música e assiste a números de arte, executados por jovens e crianças dos nossos educandários. A maioria dos forasteiros, que se hospedam em “Nosso Lar”, costuma vir até aqui só no propósito de conhecer esse “palácio natural”, que acomoda confortavelmente mais de trinta mil pessoas.”

“Ouvindo os interessantes informes, eu experimentava um misto de alegria e curiosidade.

“– O salão da Ministra Veneranda – Continuou Narcisa, animadamente – é também esplêndido recinto, cuja conservação nos merece especial carinho”. (...) (págs. 175 a 178).

“Poucos minutos antes de meia-noite, Narcisa permitiu minha ida ao grande portão das Câmaras. Os Samaritanos deviam estar nas vizinhanças. Era imprescindível observar-lhes a volta, para tomar providências”.

“Com que emoção tornei ao caminho cercado de árvores frondosas e acolhedoras”. Aqui, troncos que recordavam o carvalho vetusto da Terra; além, folhas caprichosas lembrando a acácia e o pinheiro. Aquele ar embalsamado afigurava-se-me uma bênção. Nas Câmaras, apesar das janelas amplas, não experimentara tamanha impressão de bem-estar. Assim caminhava, silencioso, sob as frondes carinhosas. Ventos frescos agitavam-nos de manso, envolvendo-me em sensações de repouso “. (pág. 180)”.

Estacaram as matilhas de cães ao nosso lado, conduzidas por trabalhadores de pulso firme.

“Daí a minutos, estávamos todos enfrentando os enormes corredores de ingresso às Câmaras de Retificação. (...)” (pág. 185).

“Chegada a hora destinada à prelação da Ministra, que se realizou após a oração vespertina, dirigi-me, em companhia de Narcisa e Salústio, para o grande salão em plena natureza”.

“Verdadeira maravilha o recinto verde, onde grandes bancos de relva nos acolheram confortadoramente. Flores variadas, brilhando à luz de belos candelabros, exalavam delicado perfume”.

“Calculei a assistência em mais de mil pessoas. Na disposição comum da grande assembleia, notei que vinte entidades se assentavam em local destacado entre nós

outros e a eminência florida onde se via a poltrona da instrutora”. (pág. 201).

“Nosso Lar”, “portanto, como cidade espiritual de transição, é uma bênção a nós concedida por “acréscimo de misericórdia” para que alguns poucos se preparem à ascensão e para que a maioria volte à Terra em serviços redentores. Compreendemos a grandiosidade das leis do pensamento e submetemo-nos a elas, desde hoje”.”(pág. 205)”.
Atentemos para a expressão: “a grandiosidade das leis do pensamento”.

Estudar as “leis do pensamento” é uma das tarefas mais importantes a que o ser humano pode se dedicar, esteja encarnado ou desencarnado.

Tal é sua importância que Jesus falou: “Todo aquele que olhar para uma mulher cobiçando-a já cometeu adultério com ela no seu coração.” Englobe-se na expressão “adultério” todas as manifestações mentais negativas, valendo, não só em relação aos seres humanos, mas em relação a qualquer outra criatura de Deus a quem se enderece pensamentos ou sentimentos negativos.

O pensamento é a emanção do Espírito, que adquire “realidade” no Universo.

Infelizmente, os seres humanos encarnados em geral ainda não despertaram para a importância dessa energia irradiante e, muitas vezes, emitem pensamentos negativos, prejudicando-se e prejudicando os outros, sem atentar para a responsabilidade que lhes cabe nesses casos.

O planeta terráqueo é envolvido por uma nuvem escura, formada pelas emanções mentais negativas, sustentada pelos anseios e sentimentos morbidos da maioria dos seus habitantes.

“Reunidos na formosa biblioteca de Tobias, examinamos volumes maravilhosos na encadernação e no conteúdo espiritual”.

A Senhora Hilda convidou-me a visitar o jardim, para que pudesse observar, de perto, alguns caramanchões de caprichosos formatos. Cada casa, em “Nosso Lar”,

parecia especializar-se na cultura de determinadas flores. Em casa de Lísias, as glicínias e os lírios contavam-se por centenas; na residência de Tobias, as hortênsias inumeráveis desabrochavam nos verdes lençóis de violetas. Belos caramanchões de árvores delicadas, recordando o bambu ainda novo, apresentavam no alto uma trepadeira interessante, cuja especialidade é unir frondes diversas, à guisa de enormes laços floridos, na verde cabeleira das árvores, formando gracioso teto”. (págs. 205/206).

“Regressando ao interior das Câmaras, tive a atenção atraída para enormes rumores provenientes das zonas mais altas da colônia, onde se localizam as vias públicas”.

“Chegados aos pavimentos superiores, de onde nos poderíamos encaminhar à Praça da Governadoria, notamos intenso movimento em todos os setores. Identificando-me o espanto natural, o companheiro explicou: (...)”(pág.227).

“Decorridos longos minutos, em que observávamos a multidão espiritual, atingimos o Ministério da Comunicação, detendo-nos ante os enormes edifícios consagrados ao trabalho informativo”.

“Milhares de entidades acotovelavam-se, aflitivamente. Todos queriam informações e esclarecimentos. Impossível, porém, um acordo geral. Extremamente surpreendido, com o vozerio enorme, vi que alguém subira a uma sacada de grande altura, reclamando a atenção popular. Era um velho de aspecto imponente, anunciando que, dentro de dez minutos, far-se-ia ouvir um apelo do Governador”.

“– É o Ministro Esperidião – informou Tobias, atendendo-me a curiosidade”. (págs. 229/230).

Em meio da geral alegria, ganhamos a via pública. As jovens faziam-se acompanhar de Polidoro e Estácio, com quem palestravam animadamente. Lísias, a meu lado, logo que deixamos o aeróbus numa das praças do Ministério da Elevação, disse carinhoso: “– Finalmente,

vai você conhecer minha noiva, a quem tenho falado muitas vezes a seu respeito”.

Havíamos alcançado as cercanias do Campo da Música. Luzes de indescritível beleza banhavam extenso parque, onde se ostentavam encantamentos de verdadeiro conto de fadas.

Fontes luminosas traçavam quadros surpreendentes: um espetáculo absolutamente novo para mim.

“Ri-me, desconcertado, e nada pude replicar”.

“Nesse momento, atingimos a faixa de entrada, onde Lísias pagou gentilmente o ingresso”.

Notei, ali mesmo, grande grupo de passeantes, em torno de gracioso coreto, onde um corpo orquestral de reduzidas figuras executava música ligeira. Caminhos marginados de flores desenhavam-se à nossa frente, dando acesso ao interior do parque, em várias direções.

Observando minha admiração pelas canções que se ouviam, o companheiro explicou: - Nas extremidades do Campo, temos certas manifestações que atendem ao gosto pessoal de cada grupo dos que ainda não podem entender a arte sublime; mas, no centro, temos a música universal e divina, a arte santificada, por excelência.

Com efeito, depois de atravessarmos alamedas risonhas, onde cada flor parecia possuir seu reinado particular, comecei a ouvir maravilhosa harmonia dominando o céu.

Na Terra, há pequenos grupos para o culto da música fina e multidões para a música regional. Ali, contudo, verifica-se o contrário. O centro do campo estava repleto. Eu havia presenciado numerosas agregações de gente, na colônia, extasiara-me ante a reunião que o nosso Ministério consagrara ao Governador, mas no que vi agora excedia a tudo que me deslumbrara até então.

“A nata de “Nosso Lar” apresentava-se em magnífica forma”.

Não era luxo, nem excesso de qualquer natureza, o que proporcionava tanto brilho ao quadro maravilhoso. Era a expressão natural de tudo, a simplicidade confundida com a beleza, a arte pura e a vida sem artifícios. O

elemento feminino aparecia na paisagem, revelando extremo apuro de gosto individual, sem desperdício de adorno e sem trair a simplicidade divina. Grandes árvores, diferentes das que se conhecem na Terra, guarnecem belos recintos, iluminados e acolhedores.

“Não somente os pares afetuosos demoravam nas estradas floridas. (...)” (págs. 248 a 251).

Há referências, ainda, quanto às edificações de “Nosso Lar”, em outros livros de André Luiz, que passamos a transcrever.

Na véspera da partida, o Assistente Jerônimo conduziu-nos ao Santuário da Bênção, situado na zona dedicada aos serviços do auxílio, onde, segundo nos esclareceu, receberíamos a palavra de mentores iluminados, habitantes de regiões mais puras e mais felizes que a nossa.

O orientador não desejava partir sem uma oração no Santuário, o que fazia habitualmente, antes de entregar-se aos trabalhos de assistência, sob sua direta responsabilidade.

“À tardinha, pois, em virtude do programa delineado, encontrávamo-nos todos em vastíssimo salão, singularmente disposto, onde grandes aparelhos elétricos se destacavam, ao fundo, atraindo-nos a atenção”. (Obreiros da Vida Eterna, 12a. Ed. FEB, pág.25).

No dia seguinte, após ouvir longas ponderações de Narcisa, mandei o Centro de Mensageiros, no Ministério da Comunicação. Acompanhava-me o prestimoso Tobias, não obstante os imensos trabalhos que lhe ocupavam o círculo pessoal.

Deslumbrado, atingi a série de majestosos edifícios de que se compõe a sede da instituição.

Julguei encontrar universidades reunidas, tal a enorme extensão deles. Pátios amplos, povoados de arvoredos e jardins, convidavam a sublimes meditações.

Tobias arrancou-me do encantamento, exclamando: “- O Centro é muito vasto. Atividades complexas são desempenhadas neste departamento de nossa colônia espiritual. Não creia esteja resumida à instituição nos edifícios sob nossos olhos.

Temos, nesta parte, tão somente a administração central e alguns pavilhões destinados ao ensino e à preparação em geral”. (Os Mensageiros, 14a. Ed. FEB, pág.21).

“No Templo do Socorro (1), o Ministro Clarêncio comentava a sublimidade da prece, e nós o ouvíamos com a melhor atenção”.

“(1) –Instituição da cidade espiritual em que se encontra o Autor. – Nota do autor espiritual”.

(Entre A Terra e o Céu, 8a. Ed. FEB, pág.9).

IV

LOCALIZAÇÃO DE “NOSSO LAR” ESFERAS ESPIRITUAIS

As ilustrações dos desenhos n. 06 e 07 nos mostram o campo magnético da Terra dividido em sete esferas, seguindo a tradicional concepção dos sete céus, de que nos falam os antigos estudiosos das coisas espirituais.

Na realidade, cada uma dessas divisões compreende outras, conforme asseguram os Espíritos.

A primeira esfera comporta o umbral “grosso”, mais materializado, de regiões purgatoriais mais dolorosas e de cujas organizações comunitárias, conquanto estejam tão próximas, temos poucas notícias.

A segunda esfera abriga o umbral mais ameno, onde os Espíritos do Bem localizam, com mais amplitude, sua assistência, e onde estão situadas as “Moradias”. Cada desenho, em retangular, que está assinalado nessa região, representa uma “Moradia” (desenho no. 08).

A terceira esfera, a rigor, ainda faz parte do umbral, pois, sendo de transição, abriga Espíritos necessitados de reencarnação.

Nessa terceira esfera se localiza a cidade “Nosso Lar”, num ponto situado sobre a cidade do Rio de Janeiro (desenho 06), e com uma altura que não podemos definir, mas que se encontra na ionosfera.

Sobre estas três esferas, os livros de André Luiz nos dão notícias, retratando edificações e organizações mantidas pelos Espíritos do Bem, tendo em vista o socorro e a assistência a Espíritos mais atrasados, bem como nos dizem das condições em que vivem os Espíritos sofredores fora do amparo dessas organizações.

Ao que se deduz das narrativas do citado Mensageiro, as esferas espirituais se distinguem por vibrações distintas, que se apuram à medida que se afastam do núcleo.

Sabemos que a Terra é um grande magneto que se projeta no Espaço, mantendo um campo magnético ativo e diferenciado que comporta as esferas espirituais, de modo que, por exemplo, quando se contrabalançam os magnetismos da Terra e de Marte, tocando-se, os dois mundos se interpenetram, pelas suas esferas extremas.

Eis aí a explicação do porquê da permanência da distância entre os astros, justamente devido à conjugação da força magnética de cada um, o mesmo se dizendo quanto aos sistemas, galáxias, nebulosas etc.

Mas, da Crosta até esse limite, os continentes e os mares se projetam, e onde o Espírito estiver situado pela sua identidade vibratória, seja onde for nesse vasto espaço magnético, sob seus pés terá terra firme e sobre sua cabeça céu aberto, já que seus sentidos não estarão aptos para perceberem as esferas que lhe estão acima. Nessa posição terá a mesma geografia planetária que nos corresponde e o mesmo horário nosso, pois estará sob o mesmo fuso horário.

Lendo André Luiz, quando descreve a segunda e a terceira esferas, percebemos que, em ambas, há chão firme, sólido, terra fértil que se cobre de vegetação. Se assim é, fácil é perceber-se que, para seus habitantes, nós estamos vivendo no interior da Terra.

Percebe-se, também, nos livros de André Luiz, que os Espíritos que estão acima podem transitar pelas esferas que lhes estão abaixo, mas os Espíritos que estão nas esferas inferiores não podem, sozinhos, passar para as esferas superiores.

O trânsito entre as esferas se faz por maneiras diversas. Por “estradas de luz”, referidas pelos Espíritos como caminhos especiais, destinados a transporte mais importante. Através dos chamados “campos de saída”, que são pontos nos quais as duas esferas próximas se tocam.

Pelas águas, de se supor as que circundam os continentes.

À página 50, de Libertação, 9ª. ed., encontramos referências aos “campos de saída”.

Quando relata a maneira pela qual, em sonho, passou para uma esfera superior (1), André Luiz se refere a uma embarcação, com um timoneiro sustendo o leme, e, com movimento de ascensão, indo sair à frente de um porto, tudo indicando que a passagem se deu através das águas do oceano. (1 – Nosso Lar, pág. 196).

Claro que se tratam de alguns aspectos rudimentares dessa questão importantíssima que é a das esferas espirituais da Terra. No futuro, por certo, os Espíritos, sob essa e outras questões importantes, farão mais luz, ensejando-nos compreender mais um pouco o mundo que se encontra acima de nossa fronteira vibratória. É o que se deduz da afirmação contida à página 85, do livro “Os Mensageiros”, 14ª. ed., e que transcrevemos, encerrando este capítulo:

“(…) Há, porém, André, outros mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram. O olho humano sofre variadas limitações e todas as lentes físicas reunidas não conseguiriam surpreender o campo da alma, que exige o desenvolvimento das faculdades espirituais para tornar-se

perceptível. A eletricidade e o magnetismo são as duas correntes poderosas que começam a descortinar aos nossos irmãos encarnados alguma coisa dos infinitos potenciais do invisível, mas ainda é cedo para cogitarmos de êxito completo.

Somente ao homem de sentidos espirituais desenvolvidos é possível revelar alguns pormenores das paisagens sob nossos olhos. A maioria das criaturas ligadas à Crosta não entende estas verdades, senão após perderem os laços físicos mais grosseiros. É da lei que não devemos ver senão o que possamos observar com proveito”.

A mediunidade é, justamente, esse sentido mais aperfeiçoado, que ultrapassa os tradicionais cinco sentidos, comuns aos encarnados.

Atentemos para a expressão: “*Somente ao homem de sentidos espirituais desenvolvidos é possível revelar alguns pormenores das paisagens sob nossos olhos.*”

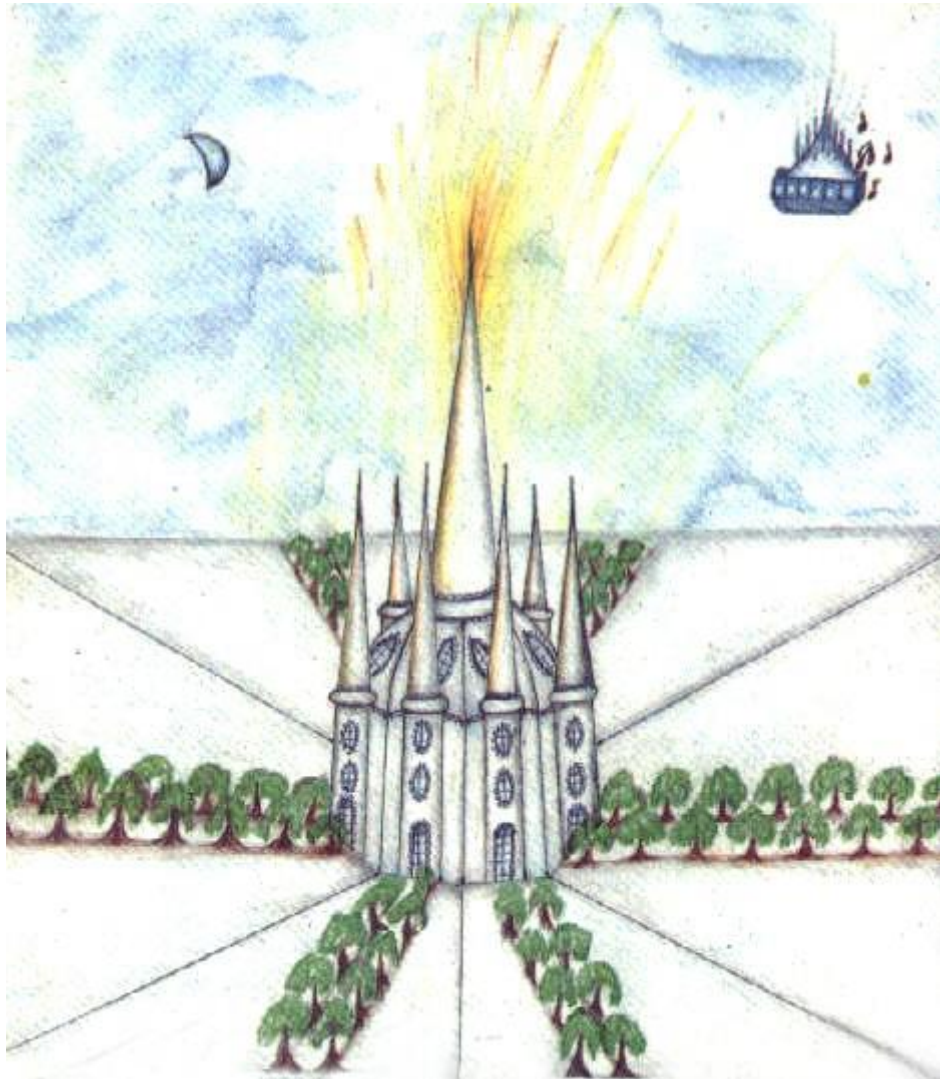
Atente-se também para isto: “*outros mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram*”.

A mediunidade, um dia, será apanágio de todos os habitantes da Terra, conforme disse Jesus, referindo-se ao “*final dos tempos*”.

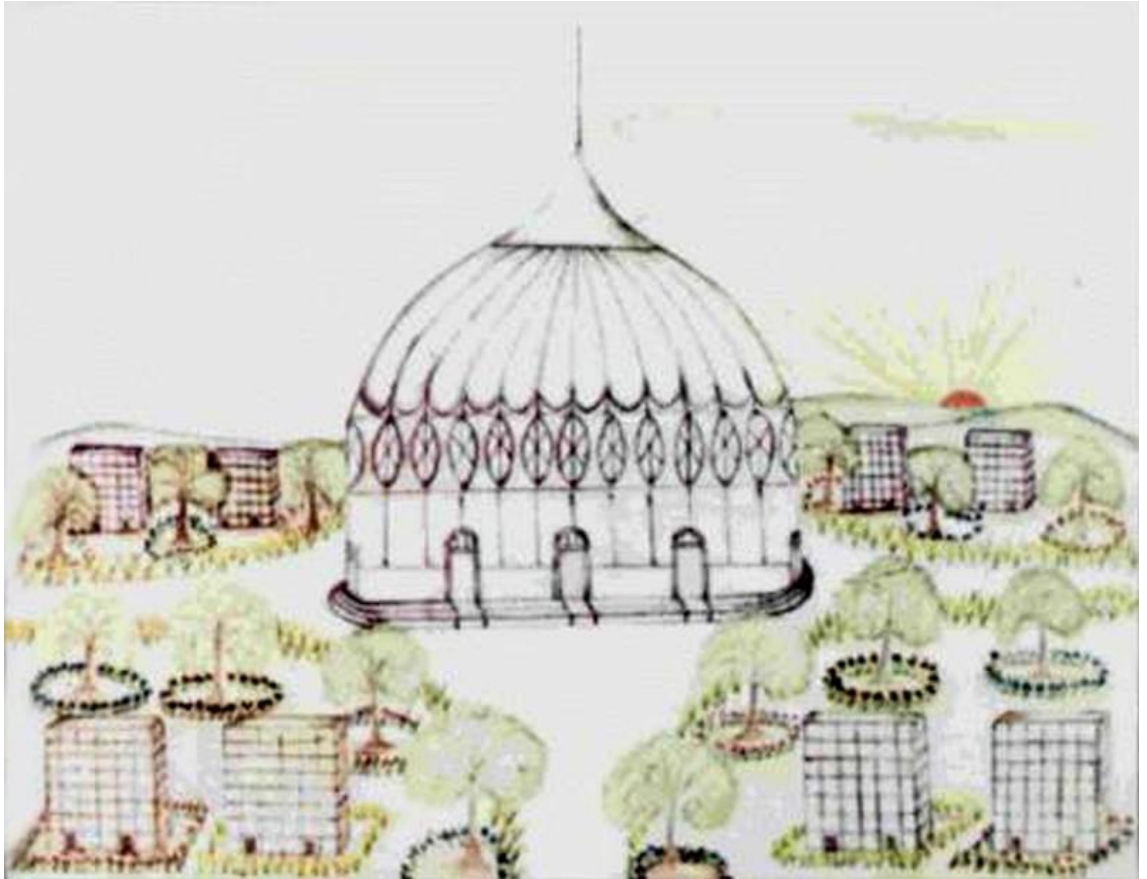
Chico Xavier e Divaldo Franco, por exemplo, obtiveram revelações inusitadas, as quais não podem, infelizmente, ser reveladas, sob pena de provocar desequilíbrio nas mentes menos preparadas.

Mas cada um, desenvolvendo-se pelas virtudes, vai tendo acesso a essas realidades, que passam a lhes naturais, bastando cada qual investir na própria auto reforma moral e no desenvolvimento do poder mental no Bem.

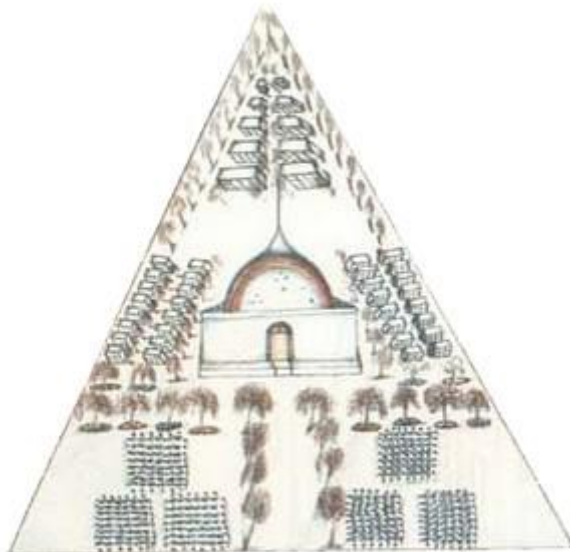
*ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES - Heigorina Cunha
(desenhos da cidade via desdobramento)*



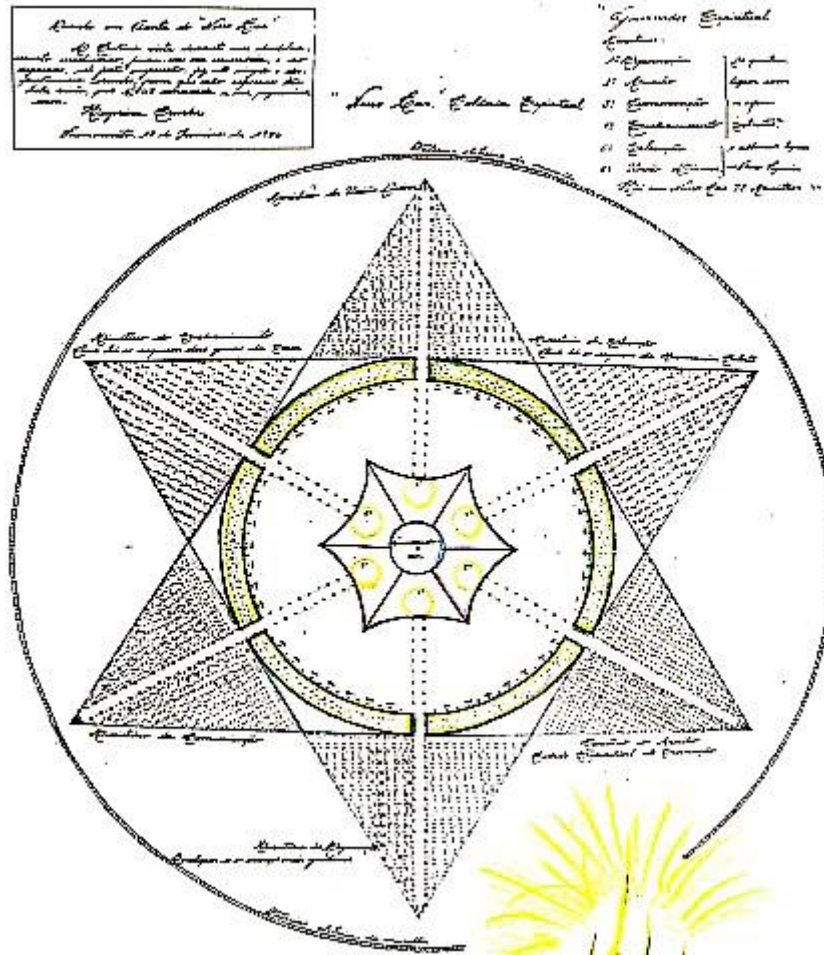
*Edifício da Governadoria, “encabeçado de torres soberanas que se perdem no céu”.
No alto, o aeróbus. Desenho concluído em 11.10.1981*



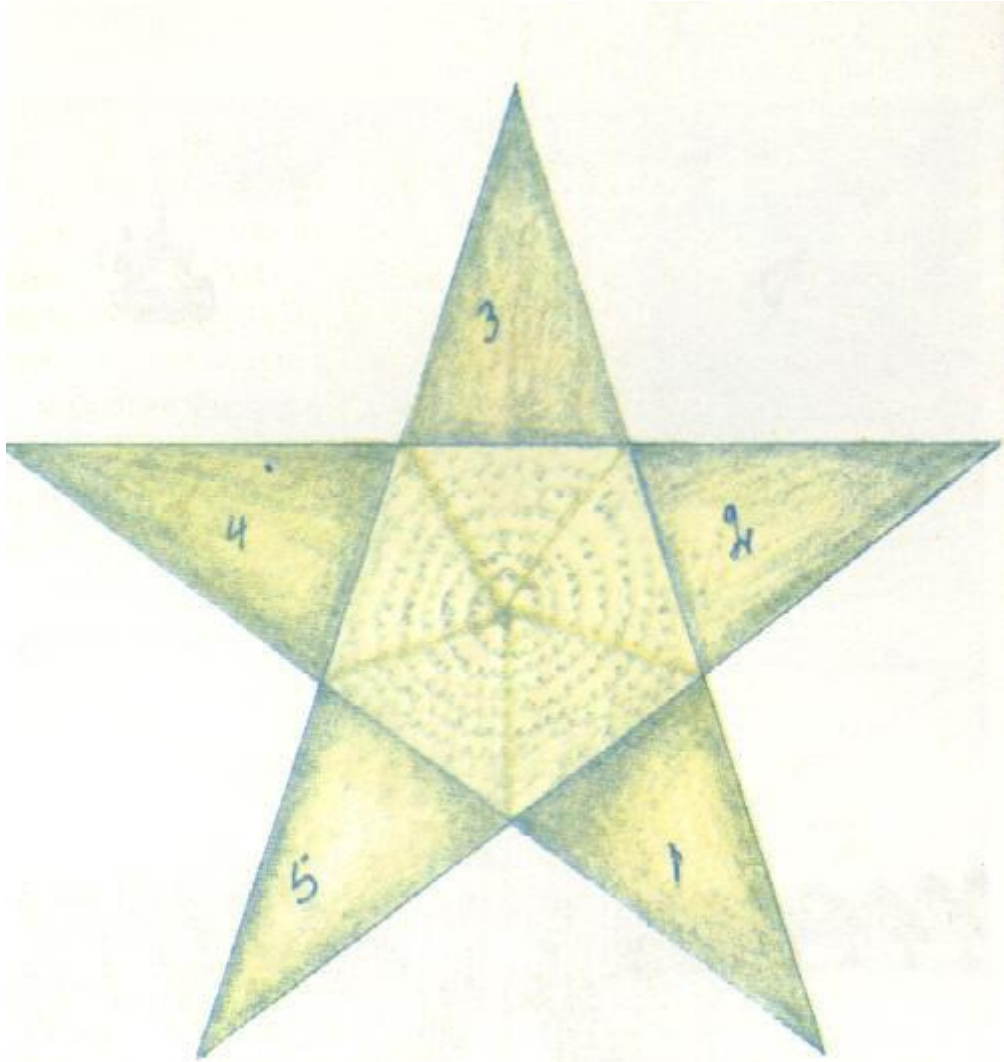
Pavilhão do Restringimento, no Ministério da Regeneração, onde os Espíritos são preparados para a reencarnação sofrendo o restringimento do corpo espiritual para o tamanho adequado ao processo.



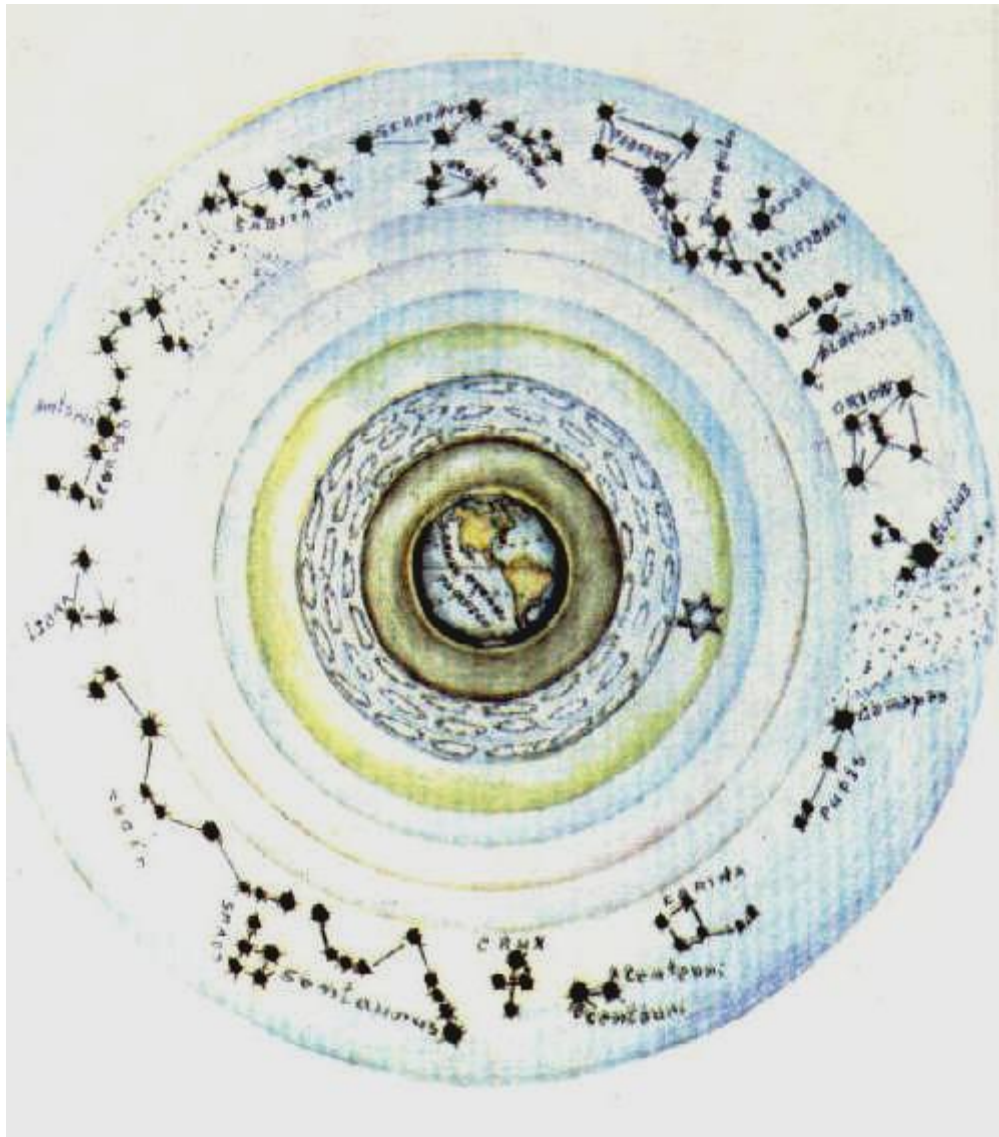
Um dos templos de iniciação, no Ministério da União Divina, construído em estilo egípcio.



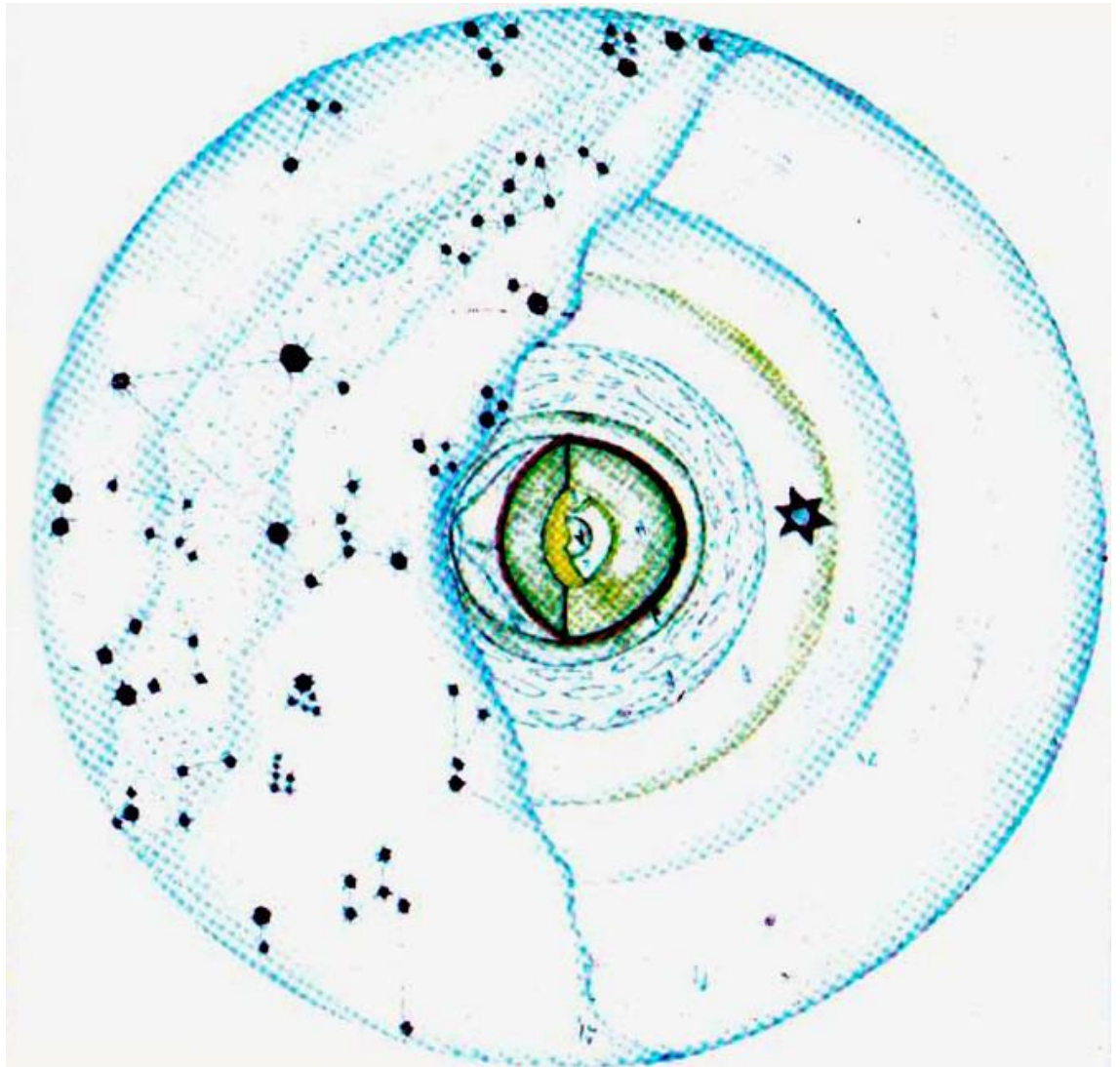
Primeiro desenho incompleto da Colônia.



*Nos parques de educação do Esclarecimento.
“Um verdadeiro castelo de vegetação, em forma de
estrela, dentro do qual se abrigam cinco numerosas
classes de aprendizados. No centro, funciona enorme
aparelho destinado a demonstrações pela imagem, a
maneira do cinematógrafo terrestre, com o qual é possível
levar a efeito cinco projeções variadas,
simultaneamente.”*



A cidade Nossa lar, assinalada com uma estrela, está localizada na terceira esfera acima da Crosta, sobre a cidade do Rio de Janeiro, em faixa que pode ser definida como a periferia do Umbral.



As Esferas Espirituais

- 1. Núcleo Interno – 2. Núcleo Externo – 3. Crosta – 4. Manto – 5. Crosta Terrestre – 6. Umbral Grosso – 7. Umbral Médio – 8. Umbral (onde está localizada a cidade espiritual Nosso Lar) – 9. Arte geral ou cultural e Ciência – 10. Amor fraterno universal – 11. Diretrizes do planeta – 12. Abóbada estelar*



(verdadeiro retrato de Jesus, Divino Governador da Terra, materializado por Sathya Sai Baba e divulgado por Divaldo Pereira Franco em palestra sobre esse missionário indiano)

FIM